

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: O MUSICAL (I)
1 e 5 de junho de 2026

LADIES OF THE CHORUS / 1948

Um filme de Phil Karlson

Realização: Phil Karlson / *Argumento:* Harry Sauber, Joseph Carole, baseados numa história de Harry Sauber / *Produção:* Harry A. Romm / *Música:* George Duning (não creditado) / *Direção de Fotografia:* Frank Redman / *Montagem:* Richard Fantl / *Direção Artística:* Robert Peterson / *Decoração:* James Crowe / *Guarda-roupa:* Jean Louis (não creditado) / *Som:* Frank Goodwin / *Interpretações:* Adele Jergens (Mae Martin), Marilyn Monroe (Peggy Martin), Rand Brooks (Randy Carroll), Nana Bryant (Mrs. Adele Carroll), Eddie Garr (Billy Mackay), Steven Geray (Salisbury) / *Cópia:* 35 mm, a preto-e-branco, falado em inglês e com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 60 minutos / *Estreia Mundial:* 30 de dezembro de 1948 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

“Cada rapariga precisa do seu ‘papá’ [*daddy*]”, diz a música que o coro de raparigas do burlesco leva a palco a dado momento no filme. E, contudo, como diz o protagonista interpretado por Rand Brooks, um ricalhaço algo “playboy” chamado Randy Carroll, “Sim, toda a gente tem uma mãe”. E, contudo, a protagonista interpretada por Adele Jergens, Mae Martin, a mãe de Peggy, numa das primeiras aparições *on screen* de Marilyn Monroe, sofre, segundo o próprio Randy, de um “complexo de mãe”. Quer dizer, se cada rapariga precisa de um *daddy*, toda a gente está à mercê delas, das mães. **Ladies of the Chorus** é um singular musical de Phil Karlson, realizador em relação ao qual associamos mais imediatamente o género do *noir* ou mesmo do *western*, que apesar de os complexos que leva a jogo no palco como na vida ou na vida como no palco, não se excede minimamente na leitura psicanalítica das personagens. Karlson prefere sempre, na “hora h”, de libertar o riso antes de cair na tentação de elevar o drama.

Nesse sentido, **Ladies of the Chorus** é uma espécie de musical a ver-se ao espelho e a descobrir-se como comédia de costumes, quase à medida de um Gregory La Cava ou de um Leo McCarey, com a elegância e subtileza adveniente do facto de toda a gente precisar de *daddies* e *mamas*, mas, por fim, as pessoas que mais importam se comportarem com uma elegância tão adulta quanto divertida. O jogo de espelhos e logros começa logo no genérico: nesta versão a que vamos assistir, uma noviça Marilyn Monroe aparece como “name above the title”, alteração efetuada aquando do relançamento do filme em 1952 quando Marilyn já era “a *Marilyn*”. Por causa disso ou apesar disso, perceberemos mais tarde que o protagonismo está noutra parte, na sua mãe, interpretada pela estrela maior à época, Adele Jergens. A dado ponto, vemos ambas enquadradas por um plano geral que nos mostra – virtuoso *mise en abîme* – mãe e filha juntas fitando-se através de um espelho. Por um quiçá imprevisível golpe de asa narrativo, as nossas atenções vão-se virando da filha para a mãe, e num movimento de câmara igualmente discreto mas poderoso – um *travelling* para frente que espoleta uma série de *flashbacks* –, saltamos do presente para o passado, pondo um e outro “em espelho”, comentando-se mutuamente. A mãe tem receio que a filha, ambas vivendo debaixo dos holofotes do burlesco, siga rigorosamente os seus passos, quer dizer, replique tanto os sucessos profissionais, *on stage*, como os fracassos amorosos, *off stage*. Portanto, o que assistimos é a uma mãe preocupada com o futuro da filha.

Mas “o problema com os protagonismos” não se fica por aqui. A disputa pelo lugar de matriarca-mor da narrativa sofrerá nova atualização crítica quando entra em cena a maravilhosa Nana Bryant, *character actress* especializada neste género de papéis, de “matriarca socialite”. Tudo muda, assim, a partir do momento em que a mãe do pretendente de Peggy se transforma no agente desbloqueador de um sério impasse narrativo – haverá ou não casamento? Ao mesmo tempo, sofrerá Peggy a humilhação de ser rejeitada socialmente pela classe alta do futuro marido, desprezada por ser uma “rainha do burlesco”? Com ou sem humilhação, a decisão final, já se percebeu, caberá à grande matriarca. No fim, a Senhora Adele Carroll acrescenta um nível novo ao jogo de espelhos transformando-o num divertido golpe de teatro, ao revelar em público – depois de um *act* assaz provocador em que canta, como quem espanta, os males de uma *society* cravejada de preconceitos – o seu passado, *elle-même*, como uma cantora do burlesco – afinal, também a Senhora Carroll foi uma *burlesque queen*! Pois bem, nesse preciso momento, temos uma mãe projetada noutra, dando a volta às regras e aos ditos “bons costumes” para que o casamento se faça e para que os pombinhos sejam felizes para sempre.

A parte (ainda mais) divertida do desenlace, que fica reservada mesmo para o derradeiro instante num filme em que não há um minuto a mais, é que talvez tudo isto não passe de uma partida montada pela engenhosa sogra com o fito de expor a hipocrisia reinante nessa *high society*, nesse mundo que tende a recusar, sem conhecer ou sem querer compreender, quem é diferente, especialmente aqueles e aquelas que fizeram do entretenimento ligeiro e popular um modo de vida. O último *act* resulta num divertido “*drible social*”, digno dos grandes comentadores e retratistas de costumes da velha Hollywood e não só. Imaginamos os referidos La Cava e McCarey deliciados a assistir, mas também Jean Renoir ou, mais contemporaneamente, Otar Iosseliani. É uma chapada de luva branca endereçada à hipocrisia de classe e à insolência de quem se julga superior aos outros somente por causa do “estatuto”.

Luís Mendonça